

Chronos, Kairós e a semiótica das coisas sem nome

Chronos, Kairós and the semiotics of nameless things

■ IVO A. IBRI^a

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Centro de Estudos de Pragmatismo. São Paulo – SP, Brasil

RESUMO

O realismo da filosofia de Peirce sugere sempre que pensemos uma filosofia sem a suposição de um sujeito constituidor da realidade e de seu significado, como é frequente em filosofias nominalistas. A Semiótica, nesse sentido, à luz do realismo, espraia seu sentido para o universo de signos humanamente produzidos, assim como para os próprios ao mundo natural. Do mesmo modo, pode-se entender o Pragmatismo, em sua proposta de ser uma máxima semântica, como aplicável aos signos naturais e, de um modo geral, a objetos reais. O humano e o natural, a subjetividade e a objetividade, a interioridade e a exterioridade, conquanto submetidos às mesmas três categorias de Peirce como quesito básico de seu realismo, mantêm-se, não obstante, distinguíveis, sem qualquer separação que gere estranhamento de natureza entre ambos. Assim, é possível pensar dimensões do Tempo que habitem esses dois universos, associados ao que caracteriza nossa humana experiência e ao que se associa a uma realidade cuja história transcorre por si mesma, sempre como desafiadora alteridade. Esse ensaio trata dessas dimensões, trazendo pela relação entre elas o conceito de *coisas sem nome*, situando-o na interface de possibilidades do que tipifica o discurso lógico e o que seria próprio ao de natureza poética.

Palavras-chave: Peirce, categorias, semiótica, pragmatismo, tempo, coisas sem nome

^aProfessor titular de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3801-3061>. E-mail: ibri@uol.com.br

ABSTRACT

The realism of Peirce's philosophy continuously suggests that we conceive of a philosophy without the assumption of a subject that constitutes reality and its meaning, as is common in nominalist philosophies. Thus, in the light of realism, Semiotics extends its meaning to the universe of humanly produced signs and to those proper to the natural world. Likewise, Pragmatism, in its scope of being a semantic maxim, can be understood as applicable to natural signs and, in general, to real objects. The human and the natural, subjectivity and objectivity, interiority and exteriority, although

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i3p11-28>

V.18 - Nº 3 set/dez. 2024 São Paulo - Brasil IVO A. IBRI p. 11-28

MATRIZES

subject to the same three categories of Peirce as a basic requirement of his realism, nevertheless remain distinguishable, without any separation that might generate an estrangement between the nature of each. Thus, it is possible to think of dimensions of time that inhabit these two universes, associated with what characterizes our human experience as well as with what is associated with a reality whose history unfolds by itself an otherness ever challenging. This essay addresses these dimensions, bringing, by means of the relation between them, the concept of nameless things and placing it at the interface of possibilities of what typifies logical discourse and what would be proper to discourse of a poetic nature.

Keywords: Peirce, semiotics, categories, pragmatism, time, nameless things

A FILOSOFIA DE PEIRCE abriga muitas disciplinas que se entrelaçam em um sistema teórico complexo abrangente, desenhando-se poderosamente heurístico. Afirmar essa característica de sua obra em meu primeiro livro, *Kosmos Noetós* (Ibri, 2015), buscando mencionar que doutrinas como a Semiótica e o Pragmatismo se enriqueceriam de sentido quando vistas à luz desse sistema, assumindo com isso uma postura cara a Peirce, a saber, a de um realismo de inspiração em raízes antigas, escolásticas, que objetivava desfazer relações de estranhamento de gênese entre os universos humano e natural ou, de modo mais geral, entre mundos interno e externo.

A recusa desse estranhamento no pensamento peirciano redundava num eixo teórico fundamental de sua filosofia, que, ao fim, se reveste de um *valor* que como conceito tenho denominado *coabitação* (Ibri, no prelo), que poderia ser entendido como promotor da superação de dualidades como fins de conduta ou, de modo mais geral, como fins integradores do particular em instâncias gerais. O desenvolvimento desse conceito permeará todo o sistema filosófico de Peirce que se funda em três eixos balizadores, suas três *categorias*¹. Sob elas o entendimento do sistema e dos problemas que ele se propõe pensar tornam-se, a meu ver, interligados e, de certa forma, *coabitam* teoricamente.

De início, considerem-se três ambientações, se assim podemos chamar: a fenomenológica, a epistemológica e a ontológica, designando por elas os universos da experiência, das linguagens e da realidade em que os signos de um modo geral circularão – os imaginários, os conjecturantes, os preditivos bem-sucedidos, os que são cósmica e geneticamente originários, desenhando na Natureza uma história do drama da vida, que exibiria, como pregava o Romantismo Alemão, em especial a filosofia de Schelling², processos teleológicos inteligentes, a par de signos logicamente *desnecessários*, que estariam destinados tão somente à mera, não obstante essencial, função de encantamento.

¹Sobre a gênese das categorias peircianas, consulte-se De Tienne (1996) e Ibri (2015, capítulo 1).

²Sobre as interfaces entre o Romantismo alemão e a filosofia de Peirce, consultar Dilworth (2014, 2016) e Ibri (2020, caps. II e V).

Há, aqui, toda uma História, moldada em um Tempo que constitui a si mesmo nessa saga, e que proporciona aos seres cognitivos que o habitam conhecê-lo e representar o que ele cosmicamente e humanamente tem narrado. É desse Tempo cósmico, mundano, designado na antiga Grécia por *Chronos*, que falaremos nesse texto, em suas relações com um tempo que a ele prioritariamente se apega e dele por vezes se afasta, a saber, *Kairós*, que também de sua origem grega designaria momentos existenciais possivelmente ocorrentes no *Chronos*, e que aqui o tomamos genericamente pelo viés de sua natureza subjetiva (Ibri, 2021b, cap. III, 2023).

POR ONDE CIRCULAM OS SIGNOS – AS CATEGORIAS E A ESCULTURA DO CHRONOS

Na filosofia de Peirce, as categorias, nascidas na Fenomenologia como modos de ser da experiência, se estendem igualmente como modos de ser da realidade. Esse passo, consequência de seu realismo de inspiração escolástica, já rompe com os dualismos da história das ideias, em especial entre *parecer e ser* e igualmente *aparecer e ser*.

A ostensiva diversidade e assimetria dos fenômenos naturais que podem ser silenciosamente observados, malgrado logicamente indescritíveis em sua idiosincrasia, caracteriza a primeira categoria, como aquela que abriga tudo o que nos fenômenos evidencia espontaneidade, e que ontologicamente convocará o princípio do Acaso, a face da Primeiridade como realidade.

Essa estratégia teórica de unificação categorial entre o que *aparece* como experiência e que indica para o que provavelmente *é* prossegue na formulação da segunda categoria, a Segundidade, em que a experiência do *não* – da reação dos fatos contra nossas expectativas e nossa vontade – propõe o conceito de *existência* como o correlato ontológico que traz o traço mais marcante do que se pode chamar realidade, a saber, sua alteridade. Este mostrar-se na experiência como independente do que se quer, se espera, ou que insolentemente ocorre na *linha mundo*³ dos seres, constituirá o que Peirce denomina de *teatro de reações*, em que eles, os seres, serão personagens expostos à possível cognição de si mesmos e dos demais com quem coabitam.

A Segundidade acolherá o modo de ser de tudo que oriundo de seu berço de vagueza, indefinição e generalidade se torna definido, individual, particular e temporalmente irreversível, como comentarei adiante. Ela se tornará o espelho, como um lado exterior dos seres, por meio do qual toda reflexão sobre os outros e sobre si mesmos adquirirá sua condição de possibilidade pragmática⁴. Esse é, a propósito, o sentido mais genuíno do que na máxima do

³ Conceito aqui utilizado metaforicamente, *linha mundo* ou *linha universo*, expressão criada pelo físico Hermann Minkowski, é a trajetória de uma partícula atômica quando de sua existência como matéria, anterior a uma possível passagem a um seu estado originário como energia.

⁴ Leituras e aplicações do Pragmatismo de Peirce constam, exemplarmente, em Nubiola (2021), Ibri (2015, cap. 6), Fabbrichesi (2008, 2019) e Calcaterra (2015).

pragmatismo se denomina *consequências práticas*. As mediações reflexionadas na experiência tornam-se balizadoras da conduta dos seres, caracterizando seu *sentido pragmático* – ele abriga o aparecer do geral no particular, do conceito na ação, das leis naturais nos fatos sob elas. E aqui já a terceira categoria se desenha. Mediações oriundas de generalização da experiência em forma de estruturas lógicas se destinarão a hábitos guias de conduta, e esses se estenderiam, conforme conjectura Peirce, do humano ao natural. Hábitos naturais constituiriam as leis da Natureza, e essa identidade entre ambos abre as portas para se pensar uma filosofia em que mente e matéria deixam de partilhar um recíproco estranhamento.

Assim como as *mediações dos seres cognitivos*, expressão intencionalmente assim empregada para não a confinar exclusivamente ao universo humano, as mediações naturais são, à luz de uma filosofia evolucionista como o é a de Peirce, formações lógicas indutivas, a saber, constituídas por generalização da experiência constituintes de hábitos de conduta (Santaella, 2004). Tenho realçado já em outros ensaios esse *insight* brilhante do pensamento peirciano que, ao considerar que hábitos são signos cosmicamente espalhados, abre as portas para uma conjectura que desfaz a cizânia de natureza entre mente e matéria, fundando um viés vigoroso em favor de uma unidade entre ambas e satisfazendo um dos princípios caros a seu realismo, o de continuidade. Deixemos esse ponto essencial da filosofia de Peirce, por ele denominado Idealismo Objetivo⁵, apenas assim mencionado para ficar como pano de fundo eventualmente convocável por outras conjecturas teóricas que se seguirão.

Importante será estabelecer que Chronos, tempo objetivo, pertence à terceira categoria, ou seja, que está sempre associado àquilo que por resultar em lei, hábito, tem comportamento regular, recorrente, e transcorre vinculado à realidade de um Cosmos, a saber, de um mundo que se mostra organizado logicamente por si mesmo, independente de nossas representações, e que, por assim ser, torna-se alvo possível de cognição e conseqüentemente de predição de sua trajetória futura. Esse papel preditivo das mediações enforma seu núcleo essencial: ele define a missão do que se possa denominar inteligência ou racionalidade⁶.

Chronos, no entanto, como aquilo que proporciona formação de mediações em relação à alteridade da Segundidade, aqui considerado pelo seu viés necessariamente lógico, assume outras faces fenomenologicamente históricas que, de certo modo, se associam não apenas às possibilidades de se inteligir o fluxo da experiência, mas, também, de filtrar de dentro dela os elementos que *tragificam* congenitamente a saga humana em prismas existenciais e metafísicos.

⁵ Exponho as diretrizes teóricas do Idealismo Objetivo de Peirce em Ibri (2015, cap. 4). Consultar também Guardiano (2011).

⁶ A propósito do conceito de racionalidade deliberativa em Peirce, ver Colapietro (2017).

SOBRE NOSSA HISTÓRICA RELAÇÃO COM O CHRONOS

Parece interessante percorrer, a par da conceituação do Chronos como próprio à terceira categoria dos fenômenos e da realidade, uma sua historicidade na qual se encontram narrativas de natureza metafísica que marcaram e prosseguem marcando nossa humana existência. Pensarmos-nos como anjos decaídos excluídos de um paraíso permeado pela eternidade, redundando em considerar nossa forçada inserção no tempo como uma forma de punição originária, marcada principalmente pela finitude da existência. E é nessa finitude que a grande maioria das filosofias, mormente as contemporâneas, situam o que Kierkegaard pioneiramente consolidou teoricamente como angústia de natureza genética.

A consciência da morte parecia ser o preço da desobediência para os que aceitam a narrativa bíblica, enquanto as filosofias ateias orbitam-na como foco inexorável de angústia, inseridas em um mundo desabitado por divindades e, por isso, destituído de sentido prévio a qualquer outro que humanamente poderia lhe ser atribuído.

É interessante assinalar que uma análise da nossa consciência de um tempo objetivo, à luz das categorias de Peirce, parece acrescentar faces outras dessa angústia limitada à finitude, a qual, de fato, não permanece conscientemente presente no transcorrer cotidiano da vida humana.

Veja-se, exemplarmente, nossa relação com o passado vivido, marcado pela facticidade de nossas ações, que sob a Segundidade constituíram-se em passagens da indeterminação de nossos planos, escolhas, desejos, permeados por suposta racionalidade ou por irrefreável emocionalidade, a atos definitivamente concretos, *ipseidades*, como se diria na filosofia escolástica, em que toda vagueza e possibilidade de ser se desfaz em fatos irrevogáveis.

Nesse sentido, convivemos e trazemos em nossa interioridade essa facticidade vivida e, por assim ser, resulta constituir em nosso ser um *segundo* para a consciência. Nela se encontram motivos de celebração pelo bem-sucedido, mesclados a outros denunciando de equívocos, logicamente eleváveis a revisões de conduta e aprendizagem, ou possivelmente embebidos em sentimento de culpa, documentando para a narrativa metafísico-religiosa nossa humana fragilidade e dependência inevitável da assistência de um supramundo divino. De qualquer modo, observa-se como tais fatos, encravados na memória, exsudam sentimentos, documentando a presença da Primeiridade no interior de toda Segundidade.

À luz do mesmo prisma de análise, não menos desconfortável seria nossa relação com o futuro do Chronos. Nele estarão as possibilidades que deixarão de ser, tornando-se escolhas que fluirão para o passado. A angústia da escolha sob o ponto de vista das categorias de Peirce são consequências do próprio

⁷ Ver Ibri (2015, caps. 5 e 6), em que trato com detalhes da lógica do possível no interior da ontologia e cosmologia peircianas.

⁸ Consultar o excelente texto de Nathan Houser (2011) sobre ação e representação no pragmatismo de Peirce.

⁹ Proponho, a propósito, uma terceira dimensão do Tempo, que denominei *tempo histórico*, cuja facticidade associada seria formada pela história humana, em Ibri (2023).

¹⁰ Sobre criatividade ambientada na filosofia de Peirce, valho-me de sua metáfora do “lago sem fundo da consciência” (CP 7.5470) em Ibri (2021a).

existir, em que o que é logicamente possível deve se anular para ser fato concreto⁷. *Agir* não é uma opção entre outras, e sim torna-se sinônimo de *existir*. Sob esse viés, não se justificaria estudar uma filosofia da ação, como um ramo filosófico específico, uma vez que seria como se fosse proposta uma escolha entre *existir* e *não existir*. O *não agir*, seria, por conseguinte, uma negação do *existir* e, assim, uma recusa de adentrar o teatro de reações, implicando na renúncia ao espelho exterior em que os seres exercitam sua possibilidade de autoconhecimento e tornam seu mundo interior dotado de possível significação pragmática. *Consequências práticas*, expressão presente na máxima do pragmatismo, novamente aqui retomada, tão diluída em teorias da ação como fins em si mesmos que vulgarizaram o pragmatismo e o próprio conceito filosófico de *prático*, originalmente associado à conduta, convocam um entendimento profundo em que epistemologia e ontologia comungam território filosófico comum e interrelacional na filosofia de Peirce⁸.

Primeiridade tonalizando as possibilidades de vagueza e indeterminação congênicas ao tempo futuro, e Terceiridade revestida de uma esperança de continuidade de sequenciamento lógico de um mundo que se mantém ao menos parcialmente organizado, desenham a história do que poderia ocorrer, sob a qual buscamos definir nossa conduta⁹.

Em resumo, poderíamos dizer que estarmos no tempo, vivermos imersos no Chronos facultaria à filosofia pensar em motivos possíveis de angústia. Enquanto no futuro espreitam os possíveis erros de escolha que fluem para um irreversível passado, neste se encontra concretamente uma espécie de não ego, constituído por uma histórica facticidade irrevogável, no interior de um ego, desafiando-nos a equilibrar interpretantes emocionais com os que são de natureza lógica, para que ele, passado, de fato se preste a espelho voltado à aprendizagem e renovação de conduta. Essa concepção da alteridade do Chronos caracterizada pelo modo como experienciamos passado e futuro, inspirada pelas categorias peircianas, parece situar o conceito de angústia para bem além daquela que balizaria nossa esporádica consciência de morte que, como já mencionado, é frequente foco da filosofia contemporânea.

Nesse ponto de nossa reflexão fundada na filosofia de Peirce, caberia agora entender como nossa relação com o Chronos torna-se uma envoltória existencial em que a Terceiridade, depositária de inteligência lógica, é justificadamente uma genuína categoria semiótica, tomando esse predicado como instância de integração comunicativa, por meio da qual uma vida comum poderá ser basicamente possível, partilhável em um sentido universal. Essa missão da inteligência lógica, na ambientação criada pela filosofia de Peirce¹⁰, não obstante deverá estar sob permanente tensão, pois a esperança de espelhos precisos de uma objetividade configurada pelos seus objetos dinâmicos, como assim a Semiótica

nomeia a realidade, será desfeita pela presença do Acaso, princípio ontológico que marca toda facticidade, dotando-a de graus de liberdade que afastam da filosofia concepções de um mundo semelhante a um relógio, a um mecanismo regido estritamente por leis¹¹.

Aqui, novamente, interfere nossa experiência que observa no mundo o que não pode ser associado a causas formais, em que a Primeiridade se faz reconhecer como princípio de liberdade. Incertezas e imprecisões comungarão em todas as mediações dos seres que interagem em um universo cronológico dotado de alteridade, ou seja, um universo real que não obstante cognoscível imporá ao conteúdo de sua representação possível a marca necessária de graus de vagueza e, mais que isso, da incidência daquilo que não poderia ser previsto em absoluto. Terceiridade tensa não se dá pela possibilidade tão somente do erro, mas, também, pela renúncia a certezas que a realidade lhe impõe, tornando-a produtora de representações aproximadas, esforçando-se sempre em encontrar nos fenômenos o que parece ser inteligível e cabível em teorias gerais com razoável poder preditivo. Esse esforço cobrará o preço de relegar ao esquecimento signos que não podem ser ditos por linguagens de natureza lógica por terem nascidos alheios ao Chronos, como abordado em sequência.

¹¹Sobre o determinismo ontológico, consulte-se Ibri (2015, cap. 30). Para uma perspectiva complementar entre a relação entre acaso e regularidade, vale consultar Calcaterra (2015).

SOB AS FORMAS DE SILENCIAR A ALTERIDADE

O silêncio pela Terceiridade

Em face do que estamos aqui lidando, poder-se-ia generalizar a necessária condição do existir como um estar imerso em universo de alteridades, e essa constatação se estenderia a todos os seres cognitivos, cujo campo experiencial é-nos diretamente acessível ao observarmos a nós mesmos.

Surge, parece, uma questão comum a todos os seres viventes em um teatro de reações, a saber: como lidar com o que reage aos fins que queremos, com o que lhes obsta o caminho em sua direção e se põe genuinamente como objeto, *obiectum* em sua raiz etimológica, *objektor*, aquilo que objeta a todo *télos* que se desenha no interior da realidade?

Nesse sentido, a Terceiridade, a categoria depositária das mediações entre uma mente sensitiva, potencialmente cognitiva e existencialmente desejanter e a Segundidade dos objetos reais, dispõe-se à sua missão semiótica, a de conhecer a alteridade de modo a representar sua conduta no Chronos. Representar, nesse sentido, identifica-se com conhecer, e essa tarefa, de seu lado, com a de prever.

Eis que, então, o Chronos será o palco onde os signos da alteridade serão *indiciliazados*, permitindo generalizações indutivas sobre regras de conduta,

D

¹²Tal como Peirce expressa esse conceito em (CP 5.484).

em que a mente, em sua tarefa de semiose¹², transformará índices em estruturas simbólicas. Essas, em essência, deverão configurar os hábitos que o objeto de cognição detém e que, portanto, lhes servem como regras de conduta. As ações do objeto serão exibidas no Chronos e, assim, observáveis como o lado exterior de seus hábitos. À luz desses conceitos decorrentes das categorias de Peirce, conhecer se traduziria em representar os hábitos que norteiam e guiam as ações do *outro*.

Em síntese, todo conhecimento no seu sentido mais geral, referido a objetos reais, significaria adquirir a capacidade de prever como tais objetos irão agir no tempo futuro. Esse papel da Terceiridade permitiria, assim, como sua finalidade, desenhar qual conduta adotar para que as objeções aos fins almejados sejam, de algum modo, neutralizadas, ou, em outros termos, *silenciadas* em seu poder de objetar.

O termo *silêncio*, aqui, mais que meramente metafórico, associa-se a um *dizer* que a Semiótica¹³ peirciana permite pensar, mediante entender que as ações dos seres existentes constituem o modo como o seu lado interior, configurado por instâncias gerais como guias de conduta, como são os hábitos, *dizem* de si, constituindo uma linguagem significativa interpretável por outras mentes. O silenciar da realidade obsistente, mediante seu conhecimento, instala, de sua vez, na mente cognoscente, um silêncio de seus próprios hábitos de conduta. Esses atuam na mente de modo praticamente inconsciente, subsistindo, como já dito, enquanto sua capacidade preditiva da conduta do outro permaneça bem-sucedida¹⁴.

Conquanto aproximada e falível seja essa previsão do curso futuro dos fatos na forma de símbolos habituais, sua permanência se dará pela eficiência em *silenciar* a alteridade. A razão cognitiva, nessa função silenciadora, minimiza o que Peirce denomina o *choque bruto* da Segundidade (CP 1.21, CP 1.432, CP 6.202, CP 8.330), termo que pode ser entendido como *experenciar* o desconhecido, ignorando o que ele irá fazer, como irá se comportar. Novamente, Chronos em sua alteridade abrigará o que supomos conhecido e o que ainda, malgrado cognoscível, não ocorre na experiência.

Esse silêncio obtido especialmente pelas ciências, mormente as contemporâneas, é configurado em modelos teóricos que representam os fenômenos por algoritmos probabilísticos, contemplando a incidência do Acaso nas leis, que se expressa como *desvios* do que é mais frequente, alimentando e reforçando nosso abandono da pretensão de certeza, de longa raiz histórica.

Há, contudo, uma facticidade accidental, que incide transversalmente ao Chronos e que não caberia em algoritmo algum. Nesses casos, o que seria apto a silenciá-la? Deixemos essa questão por ora irrespondida e passemos a outras formas possíveis de silenciamento da alteridade.

¹³Interessante também verificar, exemplarmente, aspectos de aplicabilidade da Semiótica expostos em Clavere (2020) e Seif (2020).

¹⁴Não obstante Peirce afirme em sua epistemologia que toda a função de nossa racionalidade cognitiva é criar hábitos de ação (CP 5.400), cabe assinalar que ele também observa que uma continuada ausência de reação do mundo contra a consciência cobra da mente o preço de uma danosa letargia (CP 6.301).

O silêncio pela Segundidade

Silenciar a alteridade pela Segundidade significaria impor fins que desconheciam os fins distintos de um outro potencialmente objeto, podendo para tanto imediatamente se valer de exercício de força ou de um processo de cognição destinado a estabelecer estratégias de dominação ou mesmo de destruição da alteridade. As crenças por autoridade, uma das quatro classes de crenças propostas por Peirce¹⁵, costumam operar assim, de modo que a alteridade não irá se prestar à formação de Terceiridade que a integre em sistemas semióticos de natureza geral¹⁶.

Pode-se dizer que casos de silêncio da alteridade pela força correlacionam-se a fins particulares que não têm caráter coabitante das oposições. A Terceiridade se harmonizaria, nesse aspecto, com os fins gerais da Ética de Peirce, direcionados para o que sua filosofia nomeia por *razoabilidade concreta*¹⁷. Razoabilidade não comporta como fim ético relações explícitas de força que degeneram a Terceiridade. Aqui se distinguem Razão de Razoabilidade em que esta se compromissa necessariamente com fins de natureza geral, enquanto aquela pode simplesmente fazer valer fins particulares por mera *eficiência lógica* e se prestar a silenciar a alteridade por mera dominação dualizante.

Em suma, conhecer para integrar, visando coabitação, já traz em sua essência um direcionamento possível a fins gerais, enquanto conhecer para dominar parece sempre redundar sectariamente em fins particulares, o que torna, nesse caso, a Terceiridade logicamente degenerada. Permita-se acrescer, a esse conceito proposto por Peirce, uma degenerescência de caráter ético quando é trazida à tela a natureza mesma de sua Ética¹⁸.

O silêncio pela Primeiridade

Os objetos de desejo que depositamos no Chronos nos inserem em um teatro de reações e nos trazem uma consciência de realidade fundada na experiência ubíqua de alteridade. Para colimá-los, como já considerado, desenvolvemos mediações que buscam representar o curso futuro dos fatos e, assim, ajustarmos nossa própria conduta buscando dotá-la de certa probabilidade de sucesso.

Imaginemos, agora, desmobilizarmos por momentos nossa vontade sempre desejante, aquela que direciona a metas futuras e que, por assim fazer, nos compromete inexoravelmente com o Chronos. Esse compromisso, redundemos aqui, convoca em nós nossa competência cognitiva para o desenvolvimento de mediações capazes de resgatar aquelas metas.

Essa desmobilização da vontade, faculdade que nos impele, conforme terminologia semiótica, a interpretantes energéticos, proporcionaria uma relação

¹⁵ Conferir: (CP 5.358-387) e (EP 1.109-123).

¹⁶ Quando se suscitam comparações entre os três momentos da dialética de extração hegeliana, exemplarmente, com as três categorias de Peirce, deve-se ter em conta, e isso torna-se vitalmente distintivo, que a etapa dialética da *síntese* é, em geral, descrita como *superção da antítese*, significando a possibilidade de finalizar o processo de modo similar como aqui descrito por Segundidade final. Enquanto a Terceiridade prima pelos fins gerais ou universalidade integrativa das diversas nuances da experiência, a síntese dialética resolve o conflito entre opostos por superação, sem que haja compromisso com um vetor direcionado a fins universais.

¹⁷ Quando se suscitam comparações entre os três momentos da dialética de extração hegeliana, exemplarmente, com as três categorias de Peirce, deve-se ter em conta, e isso torna-se vitalmente distintivo, que a etapa dialética da *síntese* é, em geral, descrita como *superção da antítese*, significando a possibilidade de finalizar o processo de modo similar como aqui descrito por Segundidade final. Enquanto a Terceiridade prima pelos fins gerais ou universalidade integrativa das diversas nuances da experiência, a síntese dialética resolve o conflito entre opostos por superação, sem que haja compromisso com um vetor direcionado a fins universais.

¹⁸ Para o aprofundamento acerca da Ética no interior das Ciências Normativas peirciana, consulte-se Liszka (2021).

com o mundo que poderia dispensar nossa racionalidade, nossa linguagem judicativa, uma vez também desmobilizada nossa relação com o curso futuro do Chronos. Nosso repertório cognitivo, depositário de signos potencialmente mediadores, estaria, de igual modo, desativado em nossa memória, desprendendo-nos, por conseguinte, de uma consciência de passado.

Essa hipotética experiência, afastando-nos de uma consciência de futuro e de passado que seria típica de uma racionalidade ativa sob a terceira categoria, reduziria nossa consciência de Chronos à singularidade de seu ponto presente, a saber, facultando-nos experienciar o mundo em sua mera presentidade, ao que, de modo imediato, ele simplesmente se abriria aos nossos sentidos. Essa experiência, considerada na história das ideias como *contemplação*, assume na Fenomenologia peirciana estatuto diretamente ligado à primeira categoria, aquela em que toda relação com o mundo se reduz a qualidades de sentimento. Dessa relação estariam ausentes as duas outras categorias, Segundidade e Terceiridade, supostamente de dualidade e de mediação, desmobilizadas, como considerado, pelo abandono, pelo esquecimento contingente de nossa condição de seres desejantes.

Assim, a consciência seria apenas tomada pelas qualidades de sentimento tonalizadas pelas qualidades sensíveis expostas à contemplação. Esse estado seria o que se poderia denominar de experiência mais geneticamente estética, que recolhe do mundo o que somente por esse ponto presente do Chronos torna-se ostensivo.

É evidente que essa seria uma forma outra de silenciamento da alteridade, por um abandono da dualidade que tipifica toda existência, e mergulho mais fundo na categoria de Primeiridade com sua típica nuance de mera *possibilidade* de ser. Essa experiência, cujo significado mais profundo associado a uma cosmogenética tratei em textos anteriores¹⁹, aspecto que aqui passaremos ao largo, evidencia-se como radical silenciamento da alteridade por simplesmente abandoná-la. Ao assim fazer, toda noção de mundo exterior desapareceria, tornando a experiência pura de Primeiridade ser de natureza essencialmente interior. Estaria ausente, desse estado de consciência, toda presença de tempo? Essa questão abre espaço no que se segue para o conceito de *Kairós*.

***Kairós* – o tempo da interioridade**

Interessante comprovar como a desmobilização de nossos objetos de desejo proporciona igualmente o abandono de nosso aparato lógico cognitivo, incorrendo-se, então, no que aqui foi denominado de silenciamento da alteridade. Restarão do mundo, uma vez abandonado o que o caracteriza como *real*, suas

¹⁹Ver, por exemplo, Ibri (2020, caps. III e IV).

qualidades sensíveis que podemos experienciar independentemente do contínuo fluir do Chronos do futuro para o passado.

Contemplar tais qualidades, que tomam a consciência na forma de qualidades de sentimentos (*qualities of feelings*), torna-se uma experiência que participa do Chronos apenas em seu ponto presente, permitindo-nos vivenciar qualissignos independentemente de sua *figuração*²⁰ nos objetos particulares que móbiliam a cena mundana foco da contemplação. Tal experiência possibilitaria simplesmente contemplar a realidade, recolhendo dela suas qualidades presentificadas, libertas de conceitos que dela extraem apenas suas semelhanças recíprocas, indutivamente apreensíveis no contínuo fluir do Chronos. Nossa nomeação dos objetos reais, em verdade, sempre necessariamente os abandona em sua singularidade para configurar classes de predicados gerais que recebem nomes e predicação de natureza da Terceiridade.

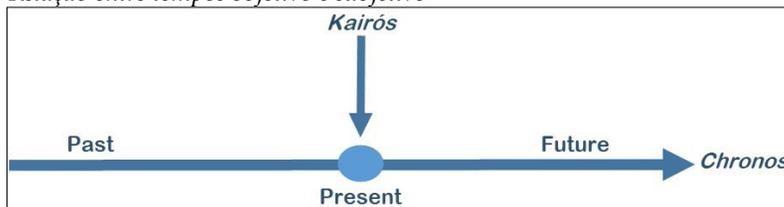
²⁰Tal como aparece em Schelling (1978).

Em síntese, o abandono de nossa linguagem judicativa decorrente da Terceiridade que silencia logicamente a alteridade dos objetos por desvendar seus hábitos de conduta, permite-nos uma forma presentificada de experiência que resgata o que dos objetos fica à margem de nossas concepções lógicas da realidade.

Então, o passear das qualidades de sentimento em nossa consciência, que Peirce denomina *play of musement*, que propus traduzir por “*jogo do devaneio*” (Ibri, 2020, cap. II), flui por um tempo interior que venho denominando *Kairós*, termo apropriado da antiga filosofia grega pelo seu viés de subjetividade. Interessante pensar esse tempo como ortogonal ao tempo Chronos, por fluir pelo seu ponto presente, conforme Figura 1.

Figura 1

Relação entre tempos objetivo e subjetivo



Nota. Ibri (2021b, cap. XII, p. 273).

Por um lado, *Kairós* pode ser sentido pela sua gênese presentificada como pura Primeiridade interior, em toda experiência em que a consciência é apenas tomada por qualidades de sentimento. Naturalmente, pode-se pensar que toda forma de experiência estética constituída por qualissignos fluiria *kairoticamente*,

caracterizando uma consciência de unidade alheia a toda dualidade, distante, portanto, de qualquer Segundidade.

Torna-se interessante pensar se haveria modos de Chronos e Kairós coabitarem. Essa questão nos conduz a retomar nossa inserção na realidade mundana, em que por Terceiridade genuína silenciemos a alteridade cognitivamente, combinando em graus variados interpretantes lógicos e emocionais para construção de nossas mediações em relação à alteridade. O sentir e o pensar, o imediato e o mediato dos signos são articulados em formas heurísticas que aqui também apenas cabe mencionar. Nelas, a intensidade de participação de cada uma dessas duas classes de interpretantes tonalizaria o compromisso entre Kairós e Chronos. Dir-se-ia que toda intensa inserção de nossa consciência na realidade faz sintonizar Kairós a Chronos, na mesma medida em que os interpretantes sensíveis operam heurísticamente com os de natureza lógica, direcionados ao sucesso preditivo do curso futuro dos fatos.

A sintonia entre essas duas classes de tempo tem graus possíveis de comprometimento, dependendo do modo como decidirmos nos relacionar com a realidade. Nesse sentido, Kairós pode se desprender de Chronos de modo quase absoluto por abandono de nossos objetos de desejo, o que equivaleria dizer, por deixarmos de nos relacionar de modo interessado com a realidade. Pensar por tal viés sugere que possivelmente poderíamos ter uma relação desinteressada com o mundo, o que, de fato, já se renunciou aqui no que até então exposto. Que face do mundo poderia ser assim experienciada?

SOBRE AS COISAS SEM NOME

Mediações, retome-se, são representações de leis que comandam a conduta dos objetos reais. Leis, por sua vez, são regras que impõem comportamento regular a seus objetos, a saber, que se repetem no tempo, exibindo permanência de predicados partilhados por eles. Esse partilhamento de predicados, constituído pelas propriedades comuns a todos os objetos, destina-se a recolher de um específico recorte de realidade o que em cada objeto que o compõe se assemelha e pode, desse modo, ser generalizado, deixando ao lado o que os diferencia. Assim se formam os *nomes* e seus *predicados* na forma de conceitos constituintes de leis e hábitos associados, sempre, a redundância, permanência, regularidade de conduta.

Todavia, retomando que a ontologia peirciana abriga o princípio do Acaso, necessário para que tudo o que é irregular, assimétrico e meramente accidental na Natureza tenha sua existência justificada. Acaso, como se sabe, associa-se à primeira categoria constitutiva da realidade, e por sua própria natureza não

pode depender do contínuo do Chronos, adentrando a existência pelo hiato constituído no instante presente. Essa sua independência do tempo, em verdade, típica de tudo o que se situa sob a primeira categoria, introduz na realidade o que não pode ser generalizado na forma de conceito, constituindo sempre o que nos objetos os singulariza, os torna únicos, originalmente *primeiros*.

Essa impossibilidade de generalização da diferença resulta em relegar no mundo uma espécie de resíduo deixado ao largo pelos conceitos que se nutrem, justamente, pelas semelhanças. Tal resíduo seria, então, formado pelas *coisas sem nome*²¹, aquelas que são singulares pelas suas diferenças, avessas a qualquer operação indutiva, ou seja, de generalização de predicados. A quem interessaria percebê-las, se não se prestam em absoluto a iluminar o que no futuro nos espregueira como experiência? Se elas não cabem em descrições lógicas, como superar essa sua inefabilidade?

²¹Conceito proposto por mim em Ibri (2011), republicado em Ibri (2020, cap. III).

CONCLUSÃO: O ESPAÇO DA ARTE – A MISSÃO DE TORNAR DIZÍVEIS AS COISAS SEM NOME

Perceber as *coisas sem nome* implica abandonar o que nos distancia das singularidades dos objetos, daquilo que os torna originais, únicos, primeiros. Esse abandono, por tudo o que já se expôs aqui, refere-se à linguagem lógica toda estruturada em semelhanças facultadoras de classes gerais de predicados e permanência extensiva no Chronos. Percebê-las, por conseguinte, requer que nossa consciência, alheia ao fluxo do Chronos, deixe fluir em sua interioridade Kairós, situada na presentidade do Chronos, de modo a nos aproximarmos do que não tem nome para lhes fazer justiça – pode-se dizer que se referir aos objetos por meio de classes de predicados colhidos por semelhança, a par de inseri-los em redes lógicas, incorreria no que se poderia denominar *injustiça estética*.

De fato, os nomes gerais nada dizem do que é singular nos objetos e nos distanciam de um viver presente, de um perceber do que é sempre novo, original e possivelmente fonte de conteúdo poético. Esses são o que denominei em outro trabalho (Ibri, no prelo) de *signos esquecidos*, que só poderiam ser ditos pela linguagem da arte, privilegiada pela possibilidade de ruptura de estruturas lógicas, pela sua natural polissemia, pela sua circulação legitimada no universo das qualidades de sentimento. A ela destina-se a missão de recolhimento desse resíduo de mundo, necessariamente negligenciado pela nossa racionalidade silenciadora da alteridade espreitada pelo Chronos.

Deve-se reconhecer que a arte também se ocupa de outras inserções do Acaso na realidade, como as acidentalidades que trespassam o curso do Chronos pelo hiato do instante presente, como tudo o mais que esteja sob a Primeiridade.

²²Outras abordagens e perspectivas acerca da relação entre a filosofia de Peirce e a arte podem ser consultadas em: Santaella (2019), Dantas (2019), Barrena (2007, 2015).

Esses eventos, sob a força bruta da Segundidade, subvertem a Terceiridade real, se indicializam à margem de nossa humana racionalidade preditiva e costumam fenomenologicamente suscitar experiências embebidas em qualidades de sentimento de diversas tonalidades, fazendo predominar interpretantes emocionais cuja contingência tem historicamente se expressado em várias formas de arte²², das mais celebrantes às mais trágicas, determinação que dependerá do que esses signos acidentais aparentam *dizer*.

Dos encontros que parecem conspirados por seres feéricos, às perdas e rupturas que esgarçam de modo lancinante nossa humana inserção no Chronos, há um leque de signos que somente as mais refinadas expressões da Arte poderiam relatar, fiéis à polissemia de origem que as inspira e as facultam cumprir, de sua liberdade criadora, promessas de sentido.

Uma vez mais, como *anjos decaídos*, podemos alternativamente apelar à transcendência divina para que nos socorra de uma dor de incompreensível insolência, ou agradecê-la pela graça que desafiaria adivinhar as razões de alguma intensa, malgrado efêmera felicidade.

No intento de mediar acidentalidades, por afetarem diretamente nossa *linha mundo*, é humanamente comum o apelo a descrições de causas eficientes, não obstante não poderem ser alçadas a causas formais aptas a se legitimarem como mediações lógicas. Recorrer-se a planos transcendentais que as dotariam de sentido faz parte íntima de nossa humana história. *Nada existe por acaso*, frequente proposição de senso comum, tacitamente pressupõe a deificação de uma escritura essencialista que nos toma como seus personagens.

Distantes de um caráter lógico aderente ao Chronos, as artes nascidas sob Kairós proporcionam reflexão de fundo sensível, educando o coração a desenhar significações que navegam por tragicidades ou por signos de encantamento. Certamente, ele poderá encontrar acolhida na serena contemplação das coisas sem nome, que sempre lhe poderão oferecer um justo e benfazejo silêncio em que tudo se disporia possivelmente a recomeçar.

Nesse recolhimento do que é abandonado pela Terceiridade inserta no Chronos, poder-se-á, talvez, redimensionar nossa percepção de mundo, inspirada pela infundável exibição de criatividade das coisas sem nome. Nas mais diversas formas *sígnicas*²³ nas quais se exprimem as artes encontra-se o dizer do que é, para a linguagem lógica, inefável. A elas, e somente a elas, caberia a missão de celebrar o resgate de uma até então desdenhada justiça estética, pacientemente, porque não assim pensar, aguardada pelas coisas sem nome.

Aos que puderem adestrar sua sensibilidade permitindo-se a experiência presentificada e interior de Kairós, acessando por ele as coisas sem nome, perceberão não mais serem os mesmos após vê-las traduzidas, exemplarmente, na

²³Conferir Innis (2022) e Lefebvre (2007) para argutas reflexões acerca das expressões *sígnicas* nas artes.

música de Mahler, na poesia de Rilke, nas telas de Willem de Kooning, para brevemente apenas citar neste final alguns de meus amores. ■

REFERÊNCIAS

- Barrena, S. (2007). *La razón creativa: Crecimiento y finalidad del ser humano según C. S. Peirce*. Rialp; Biblioteca Nueva.
- Barrena, S. (2015). *La belleza en Charles S. Peirce: Origen y alcance de sus ideas estéticas*. Eunsa.
- Calcaterra, R. M. (2015). Chance and regularities: Remarks on Richard Rorty's contingentism. *European Journal of Pragmatism and American Philosophy*, 7(2). <https://doi.org/10.4000/ejpap.417>
- Clavere, J. (2020). The multidimensionality of semiosis: Beyond multimodality. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 21(1), 34-44. <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2020v21i1p34-44>
- Colapietro, V. (2017). Peirce's pragmatist portrait of deliberative rationality. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 18(1), 13-32. <http://dx.doi.org/10.23925/2316-5278.2017v18i1p13-32>
- Dantas, L. F. N. S. (2019). *Contribuições da filosofia de Charles S. Peirce para uma investigação acerca de questões de fenomenologia e ontologia das obras de arte* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP. <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/22791>
- De Tienne, A. (1996). *Lanalytique de la représentation chez Peirce: La genèse de la théorie des catégories*. Publications Fac St Louis.
- Dilworth, D. A. (2014). Intellectual gravity and elective attractions: The provenance of Peirce's categories in Friedrich von Schiller. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 15(1), 37-72. <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/21071>
- Dilworth, D. A. (2016). Peirce's transmutation of Schelling's *Philosophie der Natur*. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 17(2), 253-290. <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/31234>
- Fabbrichesi, R. (2008). The Greek roots of pragmatism: A new name for an old way of thinking. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 9(2), 205-221. <https://revistas.pucsp.br/cognitiofilosofia/article/download/12977/9452>
- Fabbrichesi, R. (2019). Spinoza, Emerson, and Peirce: Re-thinking the genealogy of pragmatism: 2019 Presidential address. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, 55(2), 103-118. <https://doi.org/10.2979/trancharpeirsoc.55.2.01>

- Guardiano, N. (2011). The intelligibility of the metaphysics of Peirce's objective idealism. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 12(2), 187-204. <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/11602>
- Houser, N. (2011). Action and representation in Peirce's pragmatism. In R. M. Calcaterra (Ed.), *New perspectives on pragmatism and analytic philosophy* (pp. 61-69). Editions Rodopi.
- Houser, N., & Kloesel, C. (Eds.). (1992). *The essential Peirce: Selected philosophical writings* (Vol. 1). Indiana University Press.
- Ibri, I. A. (2011). Peircean seeds for a philosophy of art. In K. Haworth, J. Hogue & L. G. Sbrocchi (Eds.), *Semiotics 2010* (Vol. 1, pp. 1-16). Legas Publishers.
- Ibri, I. A. (2015). *Kósmos Noetós: A arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. Paulus.
- Ibri, I. A. (2020). *Semiótica e pragmatismo: Interfaces teóricas* (Vol. 1). FiloCzar; Cultura Acadêmica.
- Ibri, I. A. (2021a). On the bottomless lake of firstness: Conjectures on the synthetic power of consciousness. *Semiotica*, 243, 129-152. <https://doi.org/10.1515/sem-2021-0120>
- Ibri, I. A. (2021b). *Semiótica e pragmatismo: Interfaces teóricas* (Vol. 2). FiloCzar; Cultura Acadêmica.
- Ibri, I. A. (2023). Between bets and rational choices: Conjectures on the fraying of time under intense action of chance. *Veritas*, 68(1), e44913. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2023.1.44913>
- Ibri, I. A. (no prelo). Rescuing forgotten signs: In search of what heralds rebirth and renewal. *The American Journal of Semiotics*.
- Innis, R. (2022). *Dimensions of aesthetic encounters: Perception, interpretation, and the signs of art* (SUNY series in American philosophy and cultural thought). State University of New York Press.
- Lefebvre, M. (2007). Peirce's esthetics: A taste for signs in art. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, 43(2), 319-344. <http://www.jstor.org/stable/40321187>
- Liszka, J. (2021). *Charles Peirce on ethics, esthetics and the normative sciences*. Routledge.
- Nubiola, J. (2021). Understanding and teaching pragmatism: "By their fruits ye shall know". *Cognitio: Revista de Filosofia*, 22(1), e56724. <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2021v22i1:e56724>
- Peirce, C. S. (1931-1935; 1958). *Collected papers of Charles Sanders Peirce* (8 vols., C. Hartshorne, P. Weiss, & A. Burks, Eds.). Cambridge, MA: Harvard University Press. (Citado CP seguido do número do volume e do número da página).

- Peirce, C. S. (1992). *The essential Peirce: Selected philosophical writings* (Vol. 1, N. Houser & C. Kloesel, Eds.). Bloomington, IN: Indiana University Press. (Citado EP seguido do número do volume e do número da página).
- Santaella, L. (2004). O papel da mudança de hábito no pragmatismo evolucionista de Peirce. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 5(1), 75-83. <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/13210>
- Santaella, L. (2019). *Estética & semiótica*. Intersaberes.
- Schelling, F. W. J. (1978). *System of transcendental idealism of 1800* (P. Heath, Trans.). University Press of Virginia.
- Seif, F. (2020). Design and semiotics: The de-sign constitution of reality. *The American Journal of Semiotics*, 36(3), 165-178. <https://doi.org/10.5840/ajs2020363/469>

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.

